

**Veículo:** *O Estado de Minas*

**Data:** 16/03/2007

**Autor:** Opinião

## **Democracia e voto distrital**

### ***Lista fechada dará força total aos pequenos comitês diretivos que comandam os partidos.***

Proposta no primeiro governo do PT e repetida neste início de segundo mandato (2007-2010), a reforma partidária resulta sempre em muitas conversas, ocupam páginas e mais páginas dos jornais, mas, na realidade, os donos do poder nunca votaram nada de sério. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso defendeu a reforma no seminário “Voto distrital: a reforma que interessa ao Brasil”, realizado na Associação Comercial de São Paulo<sup>1</sup>.

Não é qualquer lei que vai estancar a corrupção política e a vergonhosa troca de legendas feitas de acordo com os interesses pessoais dos políticos. FHC quer o voto distrital, já para as eleições municipais de 2008. A própria Justiça Eleitoral, com respaldo do Supremo Tribunal Federal (STF), anulou a cláusula de barreira da legislação em 2006, demonstrando, mais uma vez, que as elites – as velhas dos coronéis rurais e as novas dos sindicalistas do asfalto – ficam arrepiadas quando se fala em reforma efetiva, que exija fidelidade, honradez e trabalho.

A Lei Orgânica dos Partidos Políticos (1965) tinha o objetivo de evitar a proliferação das legendas de aluguel. Acabou sepultada pelo bipartidarismo (Arena e MDB) que resultou no apagão do AI-5 (1969). A redemocratização teve início com a campanha das Diretas-já e culminou com a proclamação da Constituição de 1988. Se for respeitado o multipartidarismo, não são necessárias quase 30 legendas e será fácil manter um sistema misto (proporcional e distrital). A questão é complexa e o governo Lula, que está armando uma base de apoio que terá mais de 70% dos votos do Congresso Nacional, não parece

---

<sup>1</sup> Nota do iFHC: o seminário “Voto distrital: a reforma política que interessa ao Brasil” foi promovido pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso em parceria com a Associação Comercial de São Paulo.

empenhado nessa reforma. Há que discutir com seriedade o sistema distrital. A lista fechada dará força total aos pequenos comitês diretivos que comandam os partidos. Será como entregar o ouro ao bandido.

Nos idos de 1958, o então deputado federal (UDN) Milton Campos, baseado em estudo do sociólogo mineiro João Camillo de Oliveira Torres, dizia que “os pleitos são espetáculos de desarmonia entre correligionários, comprometendo a coesão partidária”. Hoje tudo é igual. Basta dizer que figuras como Jader Barbalho e José Sarney apóiam e nomeiam parentes e amigos no governo petista. De qualquer forma, alguma coisa deve ser feita para melhorar o sistema de representação política. A nossa democracia acaba quando o eleitor aperta o botão da urna eletrônica, pois logo em seguida tudo se faz na base da barganha.